



## **Uma onda de educação: o rádio no MEB<sup>1</sup>**

Aidil Brites Guimarães Fonseca<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia

Adriano Charles da Silva Cruz<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

### **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo resgatar à história da utilização do rádio nos primeiros anos do Movimento de Educação de Base (MEB), de 1961 a 1965. O MEB nasce como uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a partir da expansão das Escolas Radiofônicas, que pretendia educar o homem do campo através do rádio. Para tanto, foi feita uma reconstituição histórica do Movimento, utilizando o método da história oral, através da realização de entrevistas com os atores sociais e uma pesquisa bibliográfico-documental. Este estudo justifica-se pela escassez de trabalhos sobre o tema e pela necessidade de se resgatar a contribuição histórica do projeto na educação brasileira. Após esta pesquisa, percebemos que o rádio tornou-se um instrumento importante na formação das consciências, na promoção da pessoa humana e na transformação social.

### **Palavras-chave**

Educação; Escolas Radiofônicas; Rádio; MEB.

### **1. Os primeiros passos do MEB**

“Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais”.

Paulo Freire

O Movimento de Educação de Base surge no Brasil a partir da experiência das Escolas Radiofônicas, consequência do Movimento de Natal. Inicialmente, elas eram consideradas apenas como um setor do Serviço de Assistência Rural (SAR), organismo integrante da Arquidiocese de Natal dedicado a auxiliar os moradores do meio rural. Já

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Comunicação Aplicada ou Segmentada, do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste.

<sup>2</sup> Mestranda em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia.

<sup>3</sup> Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.



em 1946, o professor João Ribas da Costa, desenvolveu o Plano de Educação Fundamental pelo Rádio, idéia que não foi aceita pelo Governo com a justificativa de que seria impossível alfabetizar a população pelo rádio. Na época, o pensamento educacional hegemônico defendia o contato direto entre educador e educando, sendo isso, considerado como indispensável no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de hegemônica, essa concepção era questionada, conforme observa Pinto (1989, p. 104):

No Brasil, a idéia de utilizar o rádio na alfabetização de adultos data dos anos de 40 era defendida por adeptos e simpatizantes do ensino radiofônico, porém, de maneira desvinculada. Os trabalhos eram elaborados isoladamente, impedindo, assim a sistematização e a soma dos esforços necessários à divulgação e concretização efetiva das experiências.

As primeiras experiências de radiodifusão no país foram a Universidade do Ar, em São Paulo e o Curso de Alfabetização pelo Rádio, na cidade de Valença, no Rio de Janeiro. Essas iniciativas, no entanto, não tiveram a proporção e a mobilização conquistadas, posteriormente pelo MEB, mas constituíram um importante passo no que diz respeito ao ensino radiofônico. De acordo com o depoimento do diácono Salinésio de Oliveira Santos<sup>4</sup>, um dos coordenadores do projeto, Dom Eugênio de Araújo Sales, então administrador Apostólico de Natal, em 1957, foi a Colômbia conhecer as Escolas Radiofônicas de *Sutatenza* desenvolvida pelo Monsenhor Salsedo, ficando entusiasmado com aquela iniciativa. Dom Eugênio percebeu, então, a importância do rádio na educação, denominando-o de "arma poderosíssima" (SALES, 2005, p. 2).

Dom Eugênio Sales acreditava que era possível adaptar o método à realidade rural existente no Rio Grande do Norte. Depois dessa viagem à Colômbia, ele inaugura a Emissora de Educação Rural de Natal em agosto de 1958. A rádio nascia assim com a missão de "educar, conscientizar e evangelizar". A partir daquele momento, as primeiras Escolas Radiofônicas começaram a funcionar nas áreas rurais, ligadas a Arquidiocese de Natal e a primeira aula foi transmitida no dia 20 de setembro de 1958, atingindo 69 escolas da capital e municípios vizinhos.

Em 1959, as Escolas Radiofônicas já atingiam 36 municípios do Estado, dos quais 34 faziam parte da Arquidiocese de Natal – esse crescimento era considerado pelo SAR como um sinal de eficácia do método. No ano seguinte, em dezembro de 1960,

---

<sup>4</sup> Salinésio de Oliveira Santos, diácono permanente da Igreja Católica. Entrevista concedida na Catedral Metropolitana de Natal em 15 de outubro de 2005.



criam-se Escolas em outras dioceses e, logo em seguida, o projeto ganha notoriedade internacional.

Em razão do sucesso do projeto, Jânio Quadros em 21 de março 1961, pelo Decreto 50.370 assina um convênio entre a CNBB e o Ministério de Educação, transformando, as Escolas Radiofônicas no Movimento de Educação de Base. O documento previa que o Ministério financiaria durante cinco anos o projeto, através da instalação de 15.000 Escolas Radiofônicas nas regiões subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Dois anos depois, o MEB consolidaria, definitivamente, a sua parceria com o Governo Federal:

Em 1963, pelo Decreto n. 52267, o Governo Federal alterou o Decreto anterior e estendeu o atendimento do MEB para as áreas subdesenvolvidas do país, além de facilitar a concessão de canais radiofônicos aos bispos e também a autorização para a requisição de funcionários federais e autárquicos para prestarem serviços junto ao MEB. (OLIVEIRA, 1992, p.202)

O MEB pode ser compreendido como um movimento de educação à distância. Em entrevista realizada antes de sua morte em 2006, o arcebispo emérito de Natal, Dom Nivaldo Monte, na época padre e um dos coordenadores do Movimento, afirmava que este foi uma organização cultural na qual a Igreja de Natal percebeu a necessidade de educar para o desenvolvimento. “Sem a educação, o nordestino não poderia desenvolver-se socialmente<sup>5</sup>”.

O Movimento levava em consideração o saber do educando, o processo de leitura partia de sua experiência de vida, como defende Freire (1994, p.22): “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica continuidade da leitura daquele”. Dessa forma, o monitor era apenas um facilitador e não, um detentor de saber. O Movimento de Educação de Base, portanto, trabalhava com elementos da cultura popular e partia do pressuposto de que todos possuíam cultura.

O trabalho do MEB segue exatamente esse processo: forma a pessoa para que ela opte pela conservação ou modificação dos valores de uma realidade cultural. Procura formar a pessoa dentro de seu mundo próprio, da cultura por ela criada, dos valores dessa cultura, mostrando-lhe a possibilidade de escolha dos princípios mais adequados à sua realização. A educação só atinge o seu significado mais autêntico, à proporção que deixa de ser meramente integrativa, para ser criadora. Isto é, na medida em que seus objetivos não se

---

<sup>5</sup> Dom Nivaldo Monte, co-fundador do MEB, em entrevista concedida em sua residência no dia 20 de abril de 2005.



detêm em integrar a pessoa em um contexto cultural previamente dado, mas procura situar o educando na plenitude de seu papel de sujeito da cultura. (EQUIPE DO SECRETARIADO NACIONAL, 1982, p. 21 -22).

## **2. A voz que educa: a trajetória do rádio no MEB**

Na década de 1950 e 1960 quando surgiram as Escolas Radiofônicas e o MEB, respectivamente, o rádio era o maior meio de comunicação de massa. Contudo, ele era caracterizado mais como um instrumento de entretenimento e informação. Com a criação das Escolas Radiofônicas de Natal, o rádio será utilizado eminentemente como um mediador da educação. Através desse veículo, foram realizadas ações educativas que visavam não apenas a alfabetização, mas a promoção da dignidade do homem do campo e a conscientização dele. Para Freire (1979) isso implica que “[...] ultrapássemos a esfera espontânea de apreensão da realidade para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”.

A novidade ficava por conta da utilização do rádio, instrumento de comunicação de massas, com o poder de difundir rapidamente qualquer mensagem, inclusive o pensamento católico junto às massas rurais. A esse respeito, Dom Eugênio Sales assim expressou-se: ‘Sempre pensava que devia haver uma maneira de atingir a todos, mesmo os mais pobres e os mais distantes. E esse meio eu o procurei durante anos’. (MEDEIROS, 1992, p 198).

O MEB tem, portanto, uma relação intrínseca com o rádio e a ele deve o seu desenvolvimento, tendo, esse veículo, se tornado um elemento de motivação para os moradores das áreas rurais, que não tinham acesso a qualquer tecnologia comunicacional. Com a sistematização do projeto, as aulas alcançaram uma maior organização e penetração social, até mesmo em áreas de difícil acesso rodoviário, onde nem havia luz elétrica. Defendemos que o MEB se configurou, em certo sentido, como uma ferramenta de educomunicação<sup>6</sup>, uma vez que atingia a “massa” e não apenas um grupo isolado sem interação.

---

<sup>6</sup> Entendemos a educomunicação como o processo de ensino-aprendizagem que envolve a participação de educandos e educadores na criação de produtos de comunicação. No MEB, os alunos, através das correspondências enviadas à Rádio Rural, contribuíam na construção dos programas.



O rádio nessa época contribuiu para mudar a compreensão e visão de vida e de mundo da população, principalmente do meio rural, que passou a ter uma prática cultural mais participativa dentro do contexto social do país [...]. (MEDEIROS, 1992, p. 198).

O amadorismo era uma característica do MEB. As professoras não eram profissionais de rádio e faziam à locução dos programas de forma voluntária. O mesmo acontecia com os monitores, também, sem profissionalização. Para o desempenho das funções, as professoras recebiam uma orientação básica sobre as técnicas radiofônicas e noções de sonoplastia. Segundo Maria Araújo de Carvalho<sup>7</sup>, segunda professora-locutora do MEB, apesar dessas dificuldades, as professoras procuravam dinamizar a locução simulando um diálogo entre os monitores e os alunos, tentando dar um caráter mais interativo aos receptores. A duração da aula radiofônica era de 50 minutos e o conteúdo era baseado na cartilha LER, editado pelo Ministério da Educação para a alfabetização de adultos.

Mas o que mudou com a sistematização do MEB? O projeto continuou utilizando o rádio de modo similar ao período das Escolas Radiofônicas, porém o diferencial é que novas formas foram implantadas para melhor aproveitá-lo: As equipes locais desenvolveram diversas pesquisas avaliativas e foram criados grupos de audiência, o conteúdo da programação foi ampliado com cursos de higiene e saúde, técnicas agrícolas e legislação trabalhista (todos os temas eram adaptados à realidade rural).

O projeto desejava penetrar no contexto cultural do camponês, dialogando com ele e tomando a própria realidade rural como referência. Dessa forma, era fundamental, respeitar a cultura vivenciada pelo camponês, o que seria considerado por Gramsci como um instrumento de emancipação política “[...] uma vez que, a partir dela, criam-se possibilidades de tomada de consciência em relação a problemas e situações comuns vividas pelos diferentes sujeitos sociais.” (SIMIONATTO, 2004, p. 29). É nesse sentido, que fora acrescentado nos programas: dramas, diálogos, novelas, desafios de violeiros e outras narrativas com o objetivo de valorização a cultura nordestina. Essas modificações aguçavam o imaginário dos alunos e despertava o desejo do conhecimento. Para Martins (1994, p. 34) “a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem [...]”.

---

<sup>7</sup> Maria Araújo de Carvalho, professora-locutora do MEB. Entrevista concedida no dia 13 de dezembro de 2005 no CEFET-RN.



Certamente ao acrescentar esses novos elementos, o Movimento conseguiu obter um maior dinamismo à comunicação radiofônica. Uma outra mudança percebida foi o aumento do treinamento tanto dos monitores, como do professor locutor.

A partir de 1961, com a expansão das Escolas, mesmo sem abandonar a cartilha, algumas inovações foram introduzidas na metodologia, no momento da transmissão. Em vez de ser apenas uma professora (algumas vezes) outra pessoa fazia o papel do aluno no momento da transmissão, simulando, assim, um diálogo entre professor e aluno, o que tornava a aula mais animada. Outra inovação foi à professora elaborar os próprios conteúdos das aulas. (PINTO, 1989, p 124).

A preocupação com da Igreja com a dignidade e o despertar crítico do homem conviveu, paradoxalmente, com a tentativa de doutrinação e de controle. “A ação da Igreja no meio rural fazia parte de uma estratégia, que ao mesmo tempo abria espaço para ela junto aos trabalhadores rurais e sedava o ‘perigo vermelho’ e ação das igrejas evangélicas.” (TRINDADE, 2004, p. 143). Uma das principais críticas dos pesquisadores ao projeto foi à utilização de um aparelho radiofônico que sintonizava, apenas, a Rádio Rural.

A professora-locutora ficava no estúdio em Natal e fazia a locução da aula, as turmas reuniam-se em barracões, casas ou armazéns, espalhadas em diversas áreas rurais. Elas acompanhavam as aulas intermediadas pelo monitor com um aparelho de rádio “cativo” à pilha. O rádio possuía um modelo padronizado pela *Philips* e estava preparado para a recepção exclusiva da Rádio Rural. Isso fez com que o MEB, recebesse algumas críticas de restringir a liberdade do aluno-ouvinte que ficava sem opção de escolha, caso desejasse escutar um outro programa. Para Francisco das Chagas Moraes, o motivo do rádio ser cativo era uma questão de economia e não tinha qualquer intenção de controle ideológico: “Então daí eu entendo que a razão de ser cativo era por isso, mas pó uma questão de contenção de gastos, não era por outra razão” [Informação verbal].<sup>8</sup>

Essa preocupação passava ao largo dos alunos. A maioria dele era trabalhadores rurais e demonstrava entusiasmo e interesse pelo aprendizado, conforme notamos pela

---

<sup>8</sup> Francisco das Chagas de Moraes, ex-monitor e supervisor do MEB. Entrevista concedida na Catedral Metropolitana de Natal em 15 de abril de 2005.



leitura da carta de Júlio Francisco de Melo de 33 anos, morador de Pedra Preta, município de Lages, cidades do interior do RN, enviada a professora-locutora:

Comunico que estou na Escola Radiofônica e compareço a aula do segundo turno. Tenho aproveitado bastante. Tenho 33 anos de idade e não sabia nada. Já estou lendo qualquer coisa e escrevendo. Tenho fé em Deus que mais tarde serei alguma coisa. (PINTO, 1989, p. 131).

Nem todos tinham a mesma razão para comemorar, exaustos pela dureza e pela longa jornada de trabalho, muitos alunos não conseguiam aprender os conteúdos e abandonavam às aulas. Conforme relata-nos, o ex-aluno, Gonçalo Maciel da Silva “[...] para mim foi fácil, eu cheguei a progredir. Mas, realmente, para os outros era difícil. Muitos só fizeram ficar assinando o nome, ‘né’?” [Informação verbal].<sup>9</sup>

Depois de um dia de trabalho na agricultura, os alunos reuniam-se em grupos e dirigiam-se juntos para o local, onde escutariam a aula radiofônica e desenvolveriam as atividades com a orientação de um monitor. Quando terminava o programa, o monitor orientado pela professora-locutora, tirava as dúvidas, promovia debates, etc. Segundo Pinto (1989), nesse momento, o monitor assumia a posição de intermediário entre a professora-locutora e o aluno, desempenhando o papel de facilitadores do processo comunicativo e educativo.

O monitor é a pessoa que transforma uma série de programas educativos em uma verdadeira escola radiofônica, porque a recepção organizada supõe, além da equipe que organiza a emissão, a equipe que organiza a recepção, formando o autêntico Sistema Radioeducativo. Um dos elementos mais importantes desse sistema de trabalho é o monitor. É ele que mantém contato permanente com os alunos, contato impossível para o professor radiofônico. Acompanhado e completando as instruções do professor, o monitor não exerce, no entanto, um papel passivo no sistema, pois é o elemento ativo que articula os alunos e a escola com todo o sistema, pois é o elemento ativo que articula os alunos e a escola com toso o sistema radioeducativo local. (EQUIPE DO SECRETARIADO NACIONAL, 1982, p. 35).

As condições materiais da aula eram difíceis: além do rádio, o monitor administrava apenas um quadro negro, giz, apagador e uma lamparina.

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida na residência do entrevistado.



“Então, as pessoas ouvindo à programação da emissora, começavam a se organizar. Sempre tem alguém que “puxa” essas coisas, que cria o grupo, não é? E organizado este grupo, elas vinham aqui na sede do MEB e solicitavam o material para que a turma fosse... A classe, se é assim que agente podia dizer, fosse organizada. Então tinham os livros, as cartilhas, tinha o quadro, tinha uma lâmpada ... Nessas comunidades nem existia luz elétrica, você dava uma lâmpada a querosene, não era nem a gás, era a querosene. Os instrumentos eram esses: eram as cartilhas, o quadro, o rádio, a lâmpada e o facilitador, o monitor que ajudava. A metodologia era essa... E aí, periodicamente, nós fazíamos encontros com esse pessoal. A gente acompanhava, ia às comunidades. E se criava aquele nível de relacionamento com eles. Os instrumentos eram esses, a metodologia era essa”. [Informação verbal].

O monitor era indicado pelo pároco e sua função não se restringia a ensinar os conteúdos escolares, na verdade ele era um líder comunitário. Ele era responsável por tarefas como a organização e divulgação da escola, a realização das matrículas, o auxílio do aluno, o enviar da frequência dos alunos.

A verificação dos conteúdos e a interação com os alunos nas aulas radiofônicas aconteciam dentro da própria sala de aula, onde os monitores verificavam a compreensão dos alunos e mandavam cartas para a professora comunicando o progresso deles, como também nas avaliações que eram desenvolvidas periodicamente com a aplicação convencional de provas. Além disso, os próprios alunos participavam dos programas radiofônicos do MEB mandando cartas, poesias e repentes. A idéia era dar “voz” aos alunos e promover uma educação dialógica, preparando os alunos para lidar mais criticamente com sua realidade. Conforme o relato do ex-monitor Francisco das Chagas de Moraes, “[...] as pessoas se sentiam valorizadas e participantes desse rádio, incluídas nessa programação” [Informação verbal]<sup>10</sup>.

No período de 1963 e 1964, eram transmitidos programas semanais direcionados ao monitor e à comunidade, além da programação das aulas radiofônicas. Esses programas eram mais livres e proporcionavam um contato da equipe com os monitores, neles existiam quadros de entrevistas, respostas à correspondência, recreação, arte popular, entre outros.

Essa programação especial era destinada, na maioria das vezes, à capacitação dos monitores e aconteciam em horários e em dias específicos, sendo geralmente acompanhada de material impresso. Esse tipo de programação recebia cada vez mais

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida na Catedral Metropolitana de Natal em 15 de abril de 2005.





importância e sistematização, pois o principal objetivo era integrar o monitor no “espírito e sentido da educação e do Movimento”, além de dar uma formação geral e melhorar os métodos de ensino a serem utilizados. Os programas aprofundavam os conteúdos das matérias do programa e contribuía para a formação do monitor, que *grosso modo*, também não possuía um alto nível de escolaridade.

#### **4. Calando a voz: o declínio do MEB**

A maior expansão do MEB aconteceu em 1963, ao atingir a todo o Rio Grande do Norte. Mas, durante a Revolução de 1964, o Movimento foi perseguido pela Ditadura, tendo sido apreendida uma cartilha intitulada: “Viver é lutar”, produzida pela equipe nacional. Oliveira (1992) relata o caso de uma professora-locutora, que foi surpreendida pelo exército, enquanto transmitia a aula pela Rádio Rural. Houve uma tentativa de tirar o programa do “ar” e prender quem estivesse emitindo à aula, graças à intervenção de Dom Eugênio Sales, presente na rádio no momento, isso não ocorreu. Entretanto, a partir desse episódio, foi realizado um acordo entre o bispo e as Forças Armadas, instaurando a censura-prévia: as aulas radiofônicas seriam gravadas e ouvidas por um censor do Exército e posteriormente seriam veiculadas, com ou sem adaptações. Agora, mais do que nunca, caberia ao monitor ser o protagonista do processo de ensino.

Com a programação previamente gravada, as equipes do MEB ficaram liberadas para viajar ao interior do Estado e trabalhar mais diretamente no meio rural. Os contatos pessoais com esse meio foram reforçados. Houve maior integração com as escolas, aumentou-se o treinamento dos líderes e reestruturaram-se os comitês radiofônicos (monitores mais disponíveis, que em determinados dias prestavam assessoramento extra aos demais monitores da região), que passaram a desempenhar um papel mais importante no Movimento. (OLIVEIRA, 1992, p. 240).

A repressão da Ditadura fez com que o MEB perdesse, progressivamente, a sua prática questionadora e a sua característica de educação popular. E, a partir de 1965, ele entra em declínio, em razão da diminuição das verbas governamentais.



## Referências bibliográficas

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

COSTA, Maria Aída B. Costa; JACCOUD, Vera; COSTA, Beatriz. **MEB**: Uma história de muitos. Petrópolis: Vozes, 1986.

EQUIPE DO SECRETARIADO NACIONAL. **MEB em 5 anos**. 2. ed. Brasília: Oficinas Gráficas do MEB, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos se completam. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MEDEIROS, Hélcio Pacheco de. **Nas ondas do rádio**: Conversando sobre saúde reprodutiva. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1992.

OLIVEIRA, Marlúcia de Paiva. **Igreja e Renovação**: Educação e sindicalismo no Rio Grande do Norte (1945-1964). Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PINTO, Maria Lúcia Leite. **As escolas radiofônicas**: ação política e educativa da igreja católica do Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1989.

SALES, Eugênio de Araújo. Correspondência enviada a Aidil Brites Guimarães Fonseca. Rio de Janeiro, 03, outubro, 2005. Carta.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci**: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social. São Paulo: UFPC, 2004.